

DENISE ROTHENBURG  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Agora é guerra

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, e seus secretários que se preparem. A oposição vai aproveitar a Comissão de Segurança Pública da Câmara, presidida pelo deputado Sanderson (PL-RS), e partirá para cima da equipe de Dino, depois que Luciane Barbosa, uma espécie de primeira-dama do tráfico amazonense, se reuniu com autoridades do Ministério da Justiça, conforme reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo*.

## Na alça de mira

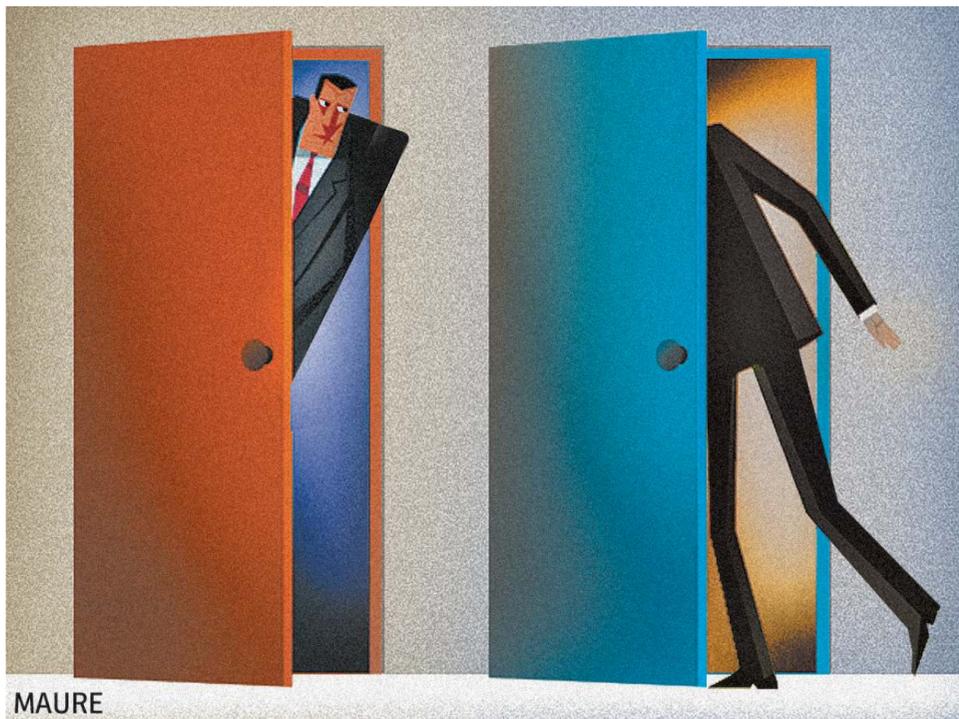
Um dos focos dos opositoristas será o secretário nacional de Políticas Penais (Senappen), Rafael Velasco Brandani. É que, em julho, ele foi nomeado para o Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária (CNPCCP). Os opositoristas querem que ele seja afastado do Conselho ou da Secretaria.

## Veja bem

A avaliação é de que não dá para ele fiscalizar a si mesmo. O Conselho acompanha a aplicação da política penitenciária e faz inspeções nos presídios. Agora, depois que Brandani recebeu Luciane Barbosa, ainda que ele diga que não sabia de quem se tratava, a oposição considera que a situação passou dos limites. E ele tem que sair.

## Só escusas

Convidado a comparecer à recepção dos brasileiros procedentes da Faixa de Gaza, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), declinou. Não foi alegando outros compromissos, mas a ideia do Centrão, de maneira geral, é não se deixar misturar com o discurso que tenta colocar no mesmo balaio Israel e os terroristas do Hamas, ou com ideologias de esquerda. A turma que chegou ao Congresso, eleita pela ala mais conservadora, quer apenas liberar as emendas, mostrar serviço nas bases e votar aquilo que for preciso para que isso ocorra. E, dizem alguns, é melhor ficar por aí.



MAURE

## CURTIDAS

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



**O influencer/** O ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha (foto) continua como grande conselheiro dos parlamentares. Dia desses, reuniu num almoço 26 políticos dos mais variados matizes. Na pauta, o futuro dos partidos conservadores e as eleições municipais.

**Onda de calor.../** Com os termômetros das ruas marcando 40° ontem à tarde, vôos sofreram atrasos e tiveram que voar com a capacidade reduzida, por causa da temperatura da pista no aeroporto de Congonhas.

**...afeta tudo/** No caso do Gol 1452, das 15h20, com destino a Brasília, passageiros com check-in feito antecipadamente não conseguiram embarcar. Alguns foram remanejados para o da Latam, que saiu às 18h55.

**Mas nem todos sofrem/** Quem se deu bem com o calorão foi a sorveteria Bacio di Latte, no embarque do aeroporto de Congonhas. Não ficou um só minuto sem fila.

**Uma pausa.../** ...para tentar um refresco nesta data nacional da Proclamação da República. Bom feriado e até sexta-feira.

## ARGENTINA

## Campanha velada contra Milei

Sem citar nome do ultradireitista, Lula pede que argentinos escolham, domingo, um presidente que “goste de democracia”

» RAFAELA GONÇALVES

Ao comentar o segundo turno das eleições presidenciais na Argentina, marcado para domingo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que é “muito importante” que o chefe do Poder Executivo eleito no país vizinho “goste de democracia”. Apesar de não explicitar apoio a qualquer dos candidatos, o recado foi na direção do representante da extrema-direita, Javier Milei, que tem defendido o rompimento das relações comerciais entre os dois países.

“O Brasil precisa da Argentina e a Argentina precisa do Brasil. Dos empregos que o Brasil gera na Argentina e dos empregos que a Argentina gera no Brasil, do fluxo comercial entre os dois países e de quanto nós podemos crescer juntos”, frisou, no programa semanal *Conversa com o Presidente*.

Segundo Lula, “para isso é preciso ter um presidente que goste de democracia, que respeite as instituições, que goste do Mercosul, que goste da América do Sul e que pense na criação de um bloco importante”.

Na campanha eleitoral, Milei disse que não fará acordos com governos “comunistas” — referindo-se à China e ao Brasil, principais parceiros comerciais da Argentina. Ele já se referiu a Lula como um “comunista raivoso” e “socialista com vocação totalitária”. Afirmou também que caso seja eleito, fará com que o país siga “seu próprio caminho” e abandonará o Mercosul.

Lula enfatizou que a relação entre os dois países é profunda e está muito acima de governos e ideologias. “Quando ganhei, em 2002, a Argentina foi o primeiro país que visitei antes de

tomar posse. Em 2023 também. A Argentina é muito importante para o Brasil. Tenho boa relação com muitos ex-presidentes argentinos. E peço para que os argentinos se lembrem que precisamos de um presidente que valorize as relações entre nossos países”, cobrou.

Para o presidente, a proximidade entre os países-membros do bloco sul-americano é fundamental para o fechamento de futuros acordos — sobretudo com a União Europeia, que se arrasta há décadas. “Se a gente briga, a gente não vai a lugar nenhum. Só queria pedir ao povo argentino para que, na hora de votar, pense na Argentina. É soberano o voto de vocês, mas pense um pouco no tipo de América do Sul que querem, no tipo de Mercosul que querem. Juntos seremos fortes”, exortou.

## Debate

A relação com o Brasil ocupou um bom espaço no último debate entre os dois candidatos à Presidência argentina. O governista e atual ministro da Economia, Sergio Massa, opositor de Milei, alertou que “criar problemas com Brasil e China vai terminar com menos empregos” e que “política exterior não pode ser regida por caprichos”. A mesma preocupação foi demonstrada pelo ministro da Fazenda brasileiro, Fernando Haddad, diante de uma possível ruptura com o parceiro comercial.

No primeiro turno, Massa saiu na frente, com 36,68% dos votos válidos, e Milei ficou com 29,98%. De acordo com as pesquisas, a votação de domingo será acirrada. Pela sondagem Atlas Intel, Milei tem 52,1% das intenções de voto e Massa, 47,9%. Já pelo levantamento da Celag, Massa teria 50,8% e Milei, 49,2%.

Luis Robayo/AFP



Milei já disse que esfriará as relações com o Brasil e que levará a Argentina para fora do Mercosul



**Só queria pedir ao povo argentino para que, na hora de votar, pense na Argentina. É soberano o voto de vocês, mas pense um pouco no tipo de América do Sul que querem, no tipo de Mercosul que querem. Juntos seremos fortes”**

**Presidente Lula ao analisar o que pode ser o futuro dos argentinos em caso de vitória de Javier Milei, no domingo**

## Mulheres cobram melhor divisão do poder

» MAYARA SOUTO

A participação das mulheres na política foi o tema de um debate realizado, ontem, no Palácio do Planalto. Organizado pelo Ministério das Mulheres, as participantes cobraram, sobretudo, igualdade de oportunidades, tal como prevê um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) até 2030.

O evento contou com a presença de, entre outras, a primeira-dama Janja, as ex-presidentes Michelle Bachelet, do Chile, e da Costa Rica, Laura Chinchilla, e da ex-primeira-ministra do Senegal, Aminata Touré. Instilado

**Mulheres no Poder: Estratégias para Implementação do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU**, as brasileiras cobraram maior equidade de vagas nos partidos políticos, sobretudo porque, em 2024, haverá eleição municipal e a previsão é de que a participação feminina pouco avance.

“É preocupante quando olhamos para o Brasil nos últimos lugares de todos os indicadores de igualdade de gênero na política, segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), em relação aos outros países do continente. As cotas dos partidos já não são suficientes, não atendem. Precisamos lutar por mais cadeiras e ficar em

50% e 50%”, exortou Janja.

Segundo a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves, “o desafio que está colocado para nós no Brasil é, no ano que vem, eleger, no mínimo, uma vereadora em cada município deste país. Precisamos ter mulheres nesse lugar. Precisamos mudar o discurso, não queremos só a cota de 30% dos partidos. Queremos ser candidatas para nos elegermos, não para sermos laranjas”, criticou.

Bachelet, que esteve à frente do o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos até agosto do ano passado, frisou que “as mulheres nunca receberam nada. Tudo se deu por uma luta permanente de

mulheres, desde as organizações mais simples, até mulheres em cargos de poder. Nesse ritmo vamos precisar de 300 anos para erradicar o casamento infantil, 140 anos para que as mulheres possam estar igualmente representadas em cargos de poder e liderança no trabalho, mais de 180 anos para que haja igualdade econômica entre homens e mulheres”.

Laura Chinchilla reforçou a posição de Bachelet. “Não há nada mais importante para as mulheres que tomar o poder. Não somente pelas políticas e decisões que tomamos em favor das mulheres, mas, também, pela forma que mudamos as gerações mais jovens”, observou.